

Domingo XXVIII do Tempo Comum - Ano B – 13.10.2024



Viver a Palavra

Caminhar é verbo fundamental na conjugação da vida cristã. O homem e a mulher criados à imagem e semelhança de Deus foram sonhados para participar na vida divina e trilham os caminhos da história de pés bem assentes na terra e olhos fitos no céu. A meta do caminho não permite imobilismos e comodismos, mas coloca cada pessoa em estado permanente de saída. São diferentes as capacidades e aptidões de cada um para o caminho e as dificuldades e resistências impedem tantas vezes de alcançar o ritmo desejado e as metas aneladas. Contudo, mais do que um caminho isolado, a vida da fé constrói-se num caminho conjunto, marcado pela fraternidade e comunhão, sustentado pela caridade e aberto à esperança da construção do mundo novo. Calcorreando os trilhos do tempo e da história aprendemos a conjugar ritmos, a construir pontes, a vencer dificuldades e a conceber a vida como construção permanente.

O texto evangélico proposto para este Domingo oferece indicações fundamentais para quem se quer colocar a caminho e abre com dois andamentos tão diferentes no modo de se fazer à estrada. Jesus «*ia pôr-Se a caminho*» e um homem «*aproximou-se correndo*». Jesus é o enviado do Pai, a brisa suave que percorre os caminhos da história feito carne humana, e na serenidade do caminhar estabelece encontros que geram o verdadeiro Encontro que dá sentido à nossa existência. Aquele homem caminha apressado. A inquietação e a ansiedade invadem a sua vida. Procura a vida eterna, a vida plena e verdadeira e, porventura, tudo tem feito para descobrir qual o melhor caminho a percorrer. A sua insatisfação coloca-o em movimento com passo lesto, arrojado e confiante.

A pergunta colocada a Jesus, com ousadia e humildade (ajoelhou-se), reclamam do Mestre a indicação do caminho onde se joga a vida toda, porque a vida plena e eterna. Aquele jovem procura Jesus para se encontrar a si próprio e, se começa o caminho correndo, agora ajoelha-se e detém-se junto de Jesus. O sentido da nossa existência como caminho para uma vida plena e verdadeira só se pode encontrar em Jesus Cristo e na liberdade de coração para acolher a Sua Palavra. Jesus nada impõe, mas tudo propõe. Como sábio pedagogo, paulatinamente e progressivamente nos faz tender para a meta da nossa existência. A primeira indicação que dá àquele jovem é o cumprimento dos mandamentos e, verificando que ele já os pratica desde a sua juventude, avança na proposta radical de um caminho absolutamente livre: «*falta-te uma coisa: vai vender o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me*».

Falta-lhe apenas uma coisa: libertar-se do peso que impede de alcançar a meta. Uma relação nova com os bens que possui para que aprenda a possuí-los. A dificuldade em entrar no Reino dos Céus para aqueles que têm riquezas, não está no maior ou menor número de bens que possuem. O problema surge quando, colocando as suas seguranças naquilo que têm, já não são eles a possuir os bens, mas os bens que os possuem a eles. A arte de aprender a contar os dias, que pedimos no salmo, implica abraçar esta corrente de desprendimento que se conjuga nesta rajada de verbos: vai, vende, dá, vem e segue-me. Deixar o que nos prende para abraçar com maior largueza de coração, passar do horizonte do *bem-estar* ao horizonte do *bem-maior* que só Jesus e o Seu amor podem oferecer. *in Voz Portucalense*.

+++++

Na passada quarta-feira, dia 2 de outubro, decorreu a missa de abertura da Segunda Sessão do caminho sinodal da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos «*Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão*». A sinodalidade é «*o caminho da Igreja para o Terceiro Milénio*» (Papa Francisco) e, por isso, um estilo eclesial que deve moldar toda a ação da Igreja porque caracteriza a sua identidade. Deste modo, as comunidades eclesiais devem promover junto dos fiéis uma tomada de consciência da importância da sinodalidade como modo de ser Igreja, tornando mais operativas as mais diversas estruturas de participação e

gerando processos sinodais renovados e renovadores. As comunidades são convidadas a rezar por este caminho sinodal ao longo deste mês de outubro, para que ele seja um tempo e lugar decisivo para o diálogo da Igreja com o Mundo contemporâneo. *in Voz Portucalense*

+++++

Continuamos no ciclo - Ano B - do Ano Litúrgico. Durante todo este ano litúrgico – 2023/2024 -, acompanhamos o evangelista S. Marcos em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Marcos.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra ficará disponível um texto sobre o evangelista Marcos. Também poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Sabedoria 7,7-11

Orei e foi-me dada a prudência;

implorei e veio a mim o espírito de sabedoria.

Preferi-a aos cetros e aos tronos

e, em sua comparação, considerei a riqueza como nada.

Não a equiparei à pedra mais preciosa,

pois todo o ouro, à vista dela, não passa de um pouco de areia

e, comparada com ela, a prata é considerada como lodo.

Amei-a mais do que a saúde e a beleza

e decidi tê-la como luz,

porque o seu brilho jamais se extingue.

Com ela me vieram todos os bens

e, pelas suas mãos, riquezas inumeráveis.

CONTEXTO

O “Livro da Sabedoria” é o mais recente de todos os livros do Antigo Testamento. Pensa-se que terá sido redigido durante o séc. I, em língua grega (por ser escrito em grego, nunca chegou a integrar o cânone judaico). O seu autor terá sido um judeu culto, provavelmente nascido e educado na Diáspora.

O “berço” do livro da Sabedoria parece ter sido Alexandria (no Egito). A brilhante cultura helénica marcava o ritmo de vida e impunha aos habitantes da cidade os valores dominantes. As outras culturas – nomeadamente a judaica – eram desvalorizadas e hostilizadas. A colónia judaica que vivia em Alexandria tinha sido obrigada a lidar, sobretudo nos reinados de Ptolomeu Alexandre (106-88 a.C.) e de Ptolomeu Dionísio (80-52 a.C.), com duras perseguições. Os sábios helénicos procuravam demonstrar, por um lado, a superioridade da cultura grega e, por outro, a incongruência do judaísmo e da sua proposta de vida... Os judeus eram encorajados a deixar a sua fé, a “modernizar-se” e a abrir-se aos brilhantes valores da cultura helénica.

Foi neste ambiente que o sábio autor do Livro da Sabedoria decidiu defender os valores da fé e da cultura do seu Povo. O seu objetivo era duplo: dirigindo-se aos seus compatriotas judeus (mergulhados no paganismo, na idolatria, na imoralidade), exortava-os a redescobrirem a fé dos pais e os valores judaicos; dirigindo-se aos pagãos, convidava-os a constatar o absurdo da idolatria e a aderir a Javé, o verdadeiro e único Deus... Para uns e para outros, o autor pretendia deixar esta ideia fundamental: só Javé garante a verdadeira “sabedoria” e a verdadeira felicidade.

O texto que nos é proposto integra a segunda parte do livro (cf. Sb 6,1-9,18). Aí, o autor apresenta o “elogio da sabedoria”. Este “elogio da sabedoria” pode dividir-se em três pontos... No primeiro (cf. Sb 6,1-21), há uma exortação aos reis no sentido de adquirirem a “sabedoria”; no segundo (cf. Sb 6,22-8,21), há uma descrição da natureza e das propriedades da “sabedoria”, aqui apresentada como o valor mais importante entre todos os valores que o homem pode adquirir; no terceiro (cf. Sb 9,1-18), aparece uma longa oração do autor, implorando de Javé a “sabedoria”.

O que é esta “sabedoria” de que se fala neste livro e em outros livros sapienciais que vieram a integrar o cânone dos livros sagrados? É, fundamentalmente, a capacidade de fazer as escolhas corretas, de tomar as decisões certas, de escolher os valores verdadeiros que conduzem o homem ao êxito, à realização, à felicidade. Na perspetiva dos “sábios” de Israel, esta “sabedoria” vem de Deus e é um dom que Deus oferece a todos os homens que tiverem o coração disponível para o acolher. É preciso, portanto, ter os ouvidos atentos para escutar e o coração disponível para acolher a “sabedoria” que Deus quer oferecer a todos os homens.

O autor deste “elogio da sabedoria” insinua claramente ser o rei Salomão (embora o nome do rei nunca seja referido explicitamente). Na realidade, o “Livro da Sabedoria” não vem de Salomão (já vimos que é um texto escrito no séc. I a.C., por um judeu de Alexandria); mas Salomão, o protótipo do rei sábio era, para os israelitas, a pessoa indicada para apresentar a “sabedoria” e para a recomendar a todos os homens. Usando uma ficção literária, o autor coloca, pois, na boca de Salomão este discurso sapiencial. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Costumamos dizer que “só se vive uma vez” e que, por isso, temos de “aproveitar a vida”. Geralmente, quando falamos em “aproveitar a vida”, falamos de provar as coisas boas que a vida pode oferecer-nos, de aproveitar as oportunidades de concretizar os nossos sonhos e aspirações, de tirar o melhor partido de cada momento, de encher a nossa existência de significado... Mas, “aproveitar a vida” incluirá atirar-nos às cegas para agarrar tudo aquilo que os *influencers* de serviço nos impingem? “Aproveitar a vida” significará irmos atrás de tudo o que de alguma forma nos atrai, sem critérios nem limites? “Aproveitar a vida” será gastarmos o tempo e as forças a correr atrás de coisas fúteis, efémeras, que enchem a nossa existência de vazio, de frivolidade e de mediocridade? Temos consciência de que há caminhos e valores que nos permitem construir uma vida bonita, feliz e plenamente realizada, e também há caminhos e valores que nos escravizam e que nos limitam horizontes? Estamos disponíveis para acolher a sabedoria de Deus e para deixar que ela nos guie pelos caminhos que conduzem onde há Vida verdadeira?
- O “sábio” que, no texto da primeira leitura deste domingo, reparte connosco a sua experiência de vida, tinha bem definida a sua hierarquia de valores. Sabia bem o que era prioritário e o que era secundário; sabia o que o ajudaria a definir bem a sua missão e aquilo que não seria fundamental para que a sua vida fizesse sentido. E nós, que até vivemos imersos num tempo de “modernidade líquida”, de mudança vertiginosa, de relativismo de valores, de certezas nunca consolidadas, temos bem definida a nossa lista dos valores prioritários? Em que valores apostamos para sobre eles construir, com coerência e verdade, a nossa história de vida?
- O “sábio” autor do nosso texto assegura que a “sabedoria”, dom de Deus, não o afastou de outros valores desejáveis; mas que, pelo contrário, o ajudou a apreciá-los devidamente e a situá-los no lugar adequado. Por vezes existe a ideia de que viver de acordo com Deus significa renunciar a tudo aquilo que nos pode tornar felizes e realizados... Mas isso não é verdade. Há valores, mesmo efémeros, que são perfeitamente compatíveis com a nossa opção pelos valores de Deus e do Reino. Não se trata de nos fecharmos ao mundo, de desconfiarmos das coisas do mundo, de renunciarmos definitivamente às coisas boas que o mundo nos pode oferecer e que nos dão segurança e estabilidade; trata-se simplesmente de darmos às coisas o valor que têm, sem nos deixarmos iludir por aquilo que não é duradouro. Como é que nos relacionamos com os valores que o mundo nos oferece? Com desconfiança e condenação à priori, ou com a apreciação serena e equilibrada do que eles valem? Usamo-los parcimoniosamente, sem deixar que eles nos usem a nós? *in Dehonianos*.

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 89 (90)

Refrão 1: Saciai-nos, Senhor, com a vossa bondade e exultaremos de alegria.

Refrão 2: Enchei-nos da vossa misericórdia: será ela a nossa alegria.

**Ensinai-nos a contar os nossos dias,
para chegarmos à sabedoria do coração.
Voltai, Senhor! Até quando?**

tende piedade dos vossos servos.

**Saciai-nos, desde a manhã, com a vossa bondade,
para nos alegrarmos e exultarmos todos os dias.**

**Compensai em alegria os dias de aflição,
os anos em que sentimos a desgraça.**

**Manifestai a vossa obra aos vossos servos
e aos seus filhos a vossa majestade.**

Desça sobre nós a graça do Senhor.

confirmai em nosso favor a obra das nossas mãos.

LEITURA II – Hebreus 4,12-13

**A palavra de Deus é viva e eficaz,
mais cortante que uma espada de dois gumes:
ela penetra até ao ponto de divisão da alma e do espírito,
das articulações e medulas,
e é capaz de discernir os pensamentos e intenções do coração.**

Não há criatura que possa fugir à sua presença:

tudo está patente e descoberto a seus olhos.

É a ela que devemos prestar contas.

CONTEXTO

A “Carta aos Hebreus”, mais do que uma “carta” tradicional, parece um sermão destinado a ser proclamado oralmente. O texto foi atribuído, sobretudo pela tradição oriental, a São Paulo; no entanto, as diferenças de linguagem, de estilo e mesmo de ideias em relação a outros textos autenticamente paulinos levaram os biblistas a considerar que São Paulo não terá sido o seu autor. Apesar de tudo, é provável que o autor tenha sido alguém relacionado com São Paulo, talvez um discípulo do apóstolo.

Provavelmente a “Carta aos Hebreus” foi redigida nos anos anteriores ao ano 70, antes da destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos: o autor fala da liturgia do Templo como uma realidade atual, o que não aconteceria se o Templo já tivesse sido destruído. Embora a tradição cite os “hebreus” como destinatários desta Carta, não é certo que ela se destine a comunidades cristãs de origem judaica. As referências constantes ao Antigo Testamento não são decisivas para identificar os destinatários da carta, uma vez que o Antigo Testamento era já referência, por essa altura, quer para os cristãos que vinham do mundo judaico como para os cristãos que vinham do mundo greco-romano. Em qualquer caso, os destinatários da Carta aos Hebreus são cristãos que vivem numa situação difícil, num ambiente hostil à fé cristã. O autor procura fortalecê-los na vivência do compromisso cristão e ajudá-los a crescer na fé.

A figura de Cristo é central na “Carta aos Hebreus”. Apresentado como sumo sacerdote, Ele é o mediador entre Deus e os homens. A sua entrega sacrificial na cruz substitui todos os sacrifícios do antigo culto judaico, estabelece uma nova Aliança entre Deus e os homens e inaugura um culto novo. Pelo sacerdócio de Cristo, os crentes são inseridos no Povo sacerdotal que é a comunidade cristã.

O texto que nos é proposto está incluído na segunda parte da Carta aos Hebreus (cf. Heb 3,1-5,10). Aí, o autor apresenta Jesus como o sacerdote fiel e misericordioso que o Pai enviou ao mundo para mudar os corações dos homens e para os aproximar de Deus. Aos crentes pede-se que “acreditem” em Jesus – isto é, que escutem atentamente as propostas que Cristo veio trazer. Nessa sequência, o autor introduz na sua reflexão uma espécie de hino à Palavra de Deus, a Palavra que Cristo veio transmitir aos homens. O objetivo do autor, ao propor-nos este “hino”, é levar-nos a escutar atentamente a Palavra proposta por Cristo. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O nosso tempo é um tempo de muitas palavras. Toda a gente, a propósito e a despropósito, entende dar a sua opinião sobre tudo. É positivo ouvirmos opiniões e perspetivas diversas, pois isso sempre enriquece a nossa visão pessoal das coisas; mas isso cria, por vezes, um ruído de fundo que causa confusão, banaliza o poder da palavra e atira para segundo plano palavras fundamentais, como é o caso da Palavra de Deus. No meio desta autêntica floresta de palavras, de opiniões e de ditos, que lugar ocupa a Palavra de Deus? Para nós, é uma palavra decisiva, determinante, primordial na definição do sentido da nossa vida, ou é apenas “mais uma” palavra entre tantas outras? Conseguimos encontrar tempo para escutar a Palavra de Deus, disponibilidade para a discutir e partilhar, vontade de confrontar a nossa vida com as suas exigências?
- A Palavra de Deus, diz a segunda leitura deste vigésimo oitavo domingo comum, é viva, atuante, eficaz e renovadora. Deveria, portanto, ter um impacto positivo e transformador nas nossas vidas, nas nossas famílias, nas nossas comunidades, na sociedade à nossa volta... Mas nem sempre isso acontece. Ouvimos diariamente a proclamação da Palavra de Deus nas nossas liturgias e continuamos a escolher valores errados, a erguer barreiras de separação entre pessoas, a marcar a nossa relação comunitária pela inveja, pelo ciúme, pela discórdia, a perpetuar mecanismos de injustiça, de violência, de exploração, de ódio... Será que a Palavra de Deus perdeu a força, ultrapassou o prazo de validade? Não. O problema não está na Palavra de Deus, mas está em nós. Talvez estejamos tão “habituaados” à Palavra que já não a escutemos; talvez estejamos tão acomodados na nossa zona de segurança que recusemos o confronto com uma Palavra que incomoda e desinstala; talvez estejamos tão entrincheirados atrás da nossa autossuficiência, que acreditemos que a Palavra de Deus não acrescenta nada à nossa vida. Porque é que a Palavra de Deus não tem na nossa vida e no nosso mundo o impacto que deveria ter?
- A nossa vivência da fé desenrola-se, muitas vezes, à volta de fórmulas de oração repetitivas, de práticas devocionais fixas, de rituais estereis e desligados da vida, de tradições cheias de pó, de grandes manifestações de fé que, no entanto, têm pouca profundidade... E a Palavra de Deus é relegada, na experiência de fé de tantos crentes, para um papel muito secundário. Qual o papel e o lugar da Palavra de Deus na nossa forma de viver a fé? *in Dehonianos*.

EVANGELHO – Marcos 10,17-30

Naquele tempo,

ia Jesus pôr-Se a caminho,

quando um homem se aproximou correndo,

ajoelhou diante d’Ele e Lhe perguntou:

«Bom Mestre, que hei de fazer para alcançar a vida eterna?»

Jesus respondeu:

«Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão Deus.

Tu sabes os mandamentos:

**‘Não mates; não cometas adultério;
não roubes; não levantes falso testemunho;
não cometas fraudes; honra pai e mãe’».**

O homem disse a Jesus:

«Mestre, tudo isso tenho eu cumprido desde a juventude».

Jesus olhou para ele com simpatia e respondeu:

**«Falta-te uma coisa: vai vender o que tens,
dá o dinheiro aos pobres, e terás um tesouro no Céu.**

Depois, vem e segue-Me».

**Ouvindo estas palavras, anuviou-se-lhe o semblante
e retirou-se pesaroso,
porque era muito rico.**

Então Jesus, olhando à volta, disse aos discípulos:

**«Como será difícil para os que têm riquezas
entrar no reino de Deus!»**

Os discípulos ficaram admirados com estas palavras.

Mas Jesus afirmou-lhes de novo:

**«Meus filhos, como é difícil entrar no reino de Deus!
É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha
do que um rico entrar no reino de Deus».**

Eles admiraram-se ainda mais e diziam uns aos outros:

«Quem pode então salvar-se?»

Fitando neles os olhos, Jesus respondeu:

**«Aos homens é impossível, mas não a Deus,
porque a Deus tudo é possível».**

Pedro começou a dizer-Lhe:

«Vê como nós deixámos tudo para Te seguir».

Jesus respondeu:

«Em verdade vos digo:

**Todo aquele que tenha deixado casa,
irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos ou terras,
por minha causa e por causa do Evangelho,
receberá cem vezes mais, já neste mundo,
em casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras,
juntamente com perseguições,
e, no mundo futuro, a vida eterna».**

CONTEXTO

Jesus está a caminhar com os discípulos através da Judeia e da Transjordânia, em direção a Jerusalém. Contudo, o caminho que fazem não é apenas geográfico; é, sobretudo, um caminho espiritual, durante o qual Jesus vai completando a sua catequese aos discípulos sobre as exigências do Reino e as condições para integrar a comunidade messiânica. Pretende-se que, à medida que vão avançando nesse caminho com Jesus, os discípulos deixem para trás os seus interesses egoístas e interiorizem cada vez mais a lógica do Reino. Só no final desse caminho serão verdadeiros discípulos de Jesus e estarão preparados para serem arautos do Reino de Deus.

O Evangelho deste vigésimo oitavo domingo comum narra o encontro de Jesus com um homem rico que está interessado em conhecer a maneira de alcançar a vida eterna. Esse encontro dá a Jesus a oportunidade para avisar os discípulos acerca da incompatibilidade entre o Reino e o apego às riquezas.

Na perspetiva dos teólogos de Israel, as riquezas são uma bênção de Deus (cf. Dt 28,3-8); mas a catequese tradicional também está consciente de que colocar a confiança e a esperança nos bens materiais envenena o coração do homem, torna-o orgulhoso e autossuficiente e afasta-o de Deus e das suas propostas (cf. Sl 49,7-8; 62,11). Jesus vai retomar a catequese tradicional, mas desta vez na perspetiva do Reino de Deus. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- Aquele homem que vai ter com Jesus na estrada para Jerusalém, tem urgência em descobrir a resposta para uma questão que é, talvez, a mais decisiva que enfrentamos: que devemos de fazer e como devemos viver para alcançar a vida eterna, uma vida plena, verdadeira e com sentido? Trata-se de uma questão que nos inquieta a todos e que certamente já pusemos muitas vezes a nós próprios, com estas ou com outras palavras semelhantes. Já encontramos a resposta para esta questão? Qual é? Muitos dos nossos contemporâneos, mergulhados na cultura do “ter”, limitam-se a “navegar à vista”, sem horizontes amplos, procurando rodear-se de bem-estar e segurança,

apostando tudo nas coisas fúteis e efémeras, apenas preocupados em satisfazer necessidades periféricas... Onde nos leva uma opção deste tipo? Ela é capaz de preencher o vazio existencial que tantas vezes toma conta da nossa vida?

- Marcos diz-nos que Jesus tem uma resposta definitiva para a questão colocada por aquele homem inquieto. Para Jesus, viver “com sentido” passa, naturalmente, por respeitar a dignidade e os direitos dos irmãos e irmãs (“não mates; não cometas adultério; não roubes; não levantes falso testemunho; não cometas fraudes; honra pai e mãe”); mas, mais que tudo, aproxima-se da vida eterna quem se liberta da escravidão dos bens, está disponível para partilhar tudo o que tem com os irmãos que caminham ao seu lado, aceita tornar-se discípulo e seguir Jesus no caminho do amor que se dá até às últimas consequências. Afinal, alcança a vida eterna quem vive menos para si e mais para os outros; e afasta-se da vida eterna quem vive mais para si próprio e menos para os outros. Nas estranhas contas de Deus, menos dá mais, e mais dá menos. Estamos disponíveis para alinhar nesta paradoxal matemática de Deus e para nos despojarmos de nós próprios a fim de alcançarmos a vida eterna?
- A história do homem rico, que coloca o seu amor ao dinheiro à frente do seguimento de Jesus alerta-nos para a impossibilidade de conjugar a pertença à comunidade do Reino com o amor aos bens deste mundo. Quando a “doença do dinheiro” toma conta de nós, encerra-nos no nosso próprio mundo, leva-nos a ignorar os nossos irmãos e as suas necessidades, endurece o nosso coração, faz com que sejamos corrompidos pela cobiça, torna-nos aliados da injustiça e da exploração, faz-nos ceder à corrupção e à desonestidade... É, portanto, incompatível com o seguimento de Jesus. Podemos levar vidas religiosamente corretas, participar nos atos litúrgicos mais relevantes, ter até o nosso lugar de destaque na comunidade paroquial; mas, se o nosso coração vive obcecado com os bens deste mundo e fechado ao amor, à partilha, à solidariedade, não podemos fazer parte da comunidade do Reino (“é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”). Como é a nossa relação com os bens materiais? Qual o lugar que os bens materiais ocupam na nossa vida?
- O “império do dinheiro” é um império iníquo, que tem deixado feridas insaráveis na vida dos homens e do planeta. Nos “países de bem-estar”, situados maioritariamente a norte do nosso mundo, tudo está submetido a mecanismos económicos que atuam de forma cega e impessoal e que todos os dias deixam nas bermas da sociedade um cortejo de vítimas; a “economia de mercado” sacrifica a dignidade das pessoas ao lucro e exclui os mais vulneráveis da mesa da vida; o reforço da competitividade atrai irremediavelmente os menos preparados para a pobreza e a marginalidade; a exploração egoísta dos recursos naturais destrói esta casa comum que Deus preparou para todos os seus filhos e filhas... Podemos conformar-nos com um mundo assim? A Igreja poderá ser fiel a Jesus sem se pronunciar contra este “império do dinheiro” (o sistema económico neoliberal) que deixa marcas tão desastrosas no nosso mundo? E cada um de nós, pessoalmente, o que poderá fazer para que o mundo e a história dos homens sejam construídos noutros moldes?
- A expressão “vida eterna” não define apenas essa outra vida que encontraremos no céu, quando terminarmos o nosso caminho na terra. Ela refere-se também à qualidade da nossa vida aqui e agora, à excelência da vida que construímos cada dia neste caminho marcado pela finitude e pela debilidade da nossa condição humana. Uma vida vivida ao estilo de Jesus oferece-nos, já aqui na terra, a possibilidade de nos libertarmos da escravidão das coisas, de vivermos o nosso dia a dia com o coração repleto de alegria e de paz; uma vida marcada pela solidariedade, pela partilha, pelo serviço aos irmãos oferece-nos, já aqui na terra, a possibilidade de nos sentirmos plenamente realizados, “cúmplices” de Deus na criação de um mundo novo... Assim talvez faça mais sentido abraçarmos sem hesitações a proposta de Jesus: ela dirige-se já ao nosso “hoje” e garante-nos, desde já, uma vida com sentido, uma vida que vale a pena viver. Temos consciência disto?
- Jesus avisa aos discípulos que o “caminho do Reino” é um caminho contra a corrente, que gerará inevitavelmente o ódio do mundo e que se traduzirá em perseguições e incompreensões. É uma realidade que conhecemos bem... Quantas vezes as nossas opções cristãs são criticadas, incompreendidas, apresentadas como realidades incompreensíveis e ultrapassadas por aqueles que representam a ideologia dominante, que fazem a opinião pública, que definem o socialmente correto... Quem optou pelo seguimento de Jesus sabe, no entanto, que a perseguição e a incompreensão são realidades inevitáveis, que não podem desviar-nos do Reino de Deus e da sua justiça. Mantemo-nos fiéis ao caminho de Jesus, sem medo dos rótulos que nos colocam, das críticas que nos fazem, das perseguições que nos movem? *in Dehonianos*

Para os leitores:

A **primeira leitura** é um texto de estilo poético, pelo que a sua proclamação deve respeitar este estilo literário para uma melhor transmissão da mensagem.

A brevidade da **segunda leitura** e a aparente facilidade na proclamação do texto não devem permitir descurar a sua preparação. As frases com diversas orações exigem especial cuidado nas pausas e respirações.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)